



(IN)SEGURANÇA ALIMENTAR E (DES)NUTRIÇÃO?

O mais recente relatório, disponibilizado pela FAO/ONU, que mapeia o índice global de segurança alimentar (State of Food Security and Nutrition in the World/SOFI 2021) aponta que, mundo afora, cerca de 800 milhões de pessoas estão abatidas pela fome e outras 2,4 bilhões padecem sob efeito da má-alimentação. Além do mais, complementa que a piora nos índices dos outros indicadores pertinentes (baixa estatura, definhamento físico e sobrepeso em crianças, anemia nas mulheres e obesidade adulta) contribuiu decisivamente na frustração do cumprimento das metas de combate à desnutrição.

A persistente desigualdade de renda/crises econômicas/conflitos políticos/sociais e a inflação dos alimentos/adversidades climáticas/protecionismo, agravados pelos efeitos da pandemia da Covid-19, têm se constituído nos principais fatores que desarranjaram os sistemas e amplificaram o desafio para o cobiçado progresso global.

Por sua preocupação e responsabilidade compartilhada, a ONU realizará em setembro próximo na sede em Nova Iorque, a Cúpula dos Sistemas Alimentares com intenção de “moldar as diretrizes” dos modelos tradicionais de produção, e em consequência, aprimorar o plano de combate à desnutrição, visando, inclusive, impactos positivos na saúde e no meio ambiente.

O esforço da entidade protagonista global vai ao encontro da coerente integração e governança imparcial nas políticas humanitárias e inclusivas para combate à pobreza, ao aumento da resiliência climática e proteção de ecossistemas naturais, e ao apoio aos investimentos estratégicos dos setores públicos e privado, embora considerados inquietante seu propósito de “intervenção” ao longo das cadeias de abastecimento para redução do custo dos alimentos, e abusivo por sua determinação de “impelir a mudança no comportamento e preferências” do consumidor.

Embora concorde que a correlação entre os sistemas alimentares e as desigualdades socioeconômicas e a pobreza persistentes não possa ser ignorada, a ministra Tereza Cristina ressaltou (no final do mês passado, em Roma, durante encontro preparatório com outras autoridades) que não há solução única para a sustentabilidade dos

sistemas alimentares e que a imposição de modelos alheios às realidades locais não prosperará. Ao contrário, poderá resultar em mais fome e escassez, por causa da queda de produtividade, aumento dos preços e perda da biodiversidade. Portanto, é essencial que a Cúpula reconheça a diversidade de características naturais e culturais para sistemas alimentares sustentáveis.

Garantir o acesso a alimentos seguros, nutritivos e suficientes para todas as pessoas durante o ano inteiro, além de erradicar todas as formas de desnutrição por meio da inovação são metas estabelecidas no SDG/ Sustainable Development Goals, cuja agenda 2030 já ocupa espaço estratégico na FAO.

A International Feed Industry Federation/ IFIF, por sua vez, declara que o papel da nutrição animal é garantir a resiliência e a produtividade, produzindo mais com menos, otimizando os recursos ambientais, aplicáveis tanto aos produtores de países desenvolvidos, quanto aos pequenos produtores de países em desenvolvimento. Por ser parte essencial da solução para uma cadeia produtiva mais sustentável por meio da inovação e da eficiência, a indústria de alimentação animal encontra-se engajada aos princípios básicos ou os “cinco Ps” da FAO (pessoas, planeta, prosperidade, paz e parceria).

Tomara que as autoridades participantes da Cúpula do mês que vem reflitam acerca da declaração do pai da Revolução Verde e premiado Nobel, Norman Borlaug: “Não se constrói a paz com estômagos vazios”! ■

TOMARA QUE AS AUTORIDADES PARTICIPANTES DA CÚPULA DO MÊS QUE VEM REFLITAM ACERCA DA DECLARAÇÃO DO PAI DA REVOLUÇÃO VERDE E PREMIADO NOBEL, NORMAN BORLAUG: “NÃO SE CONSTRÓI A PAZ COM ESTÔMAGOS VAZIOS”



Ariovaldo Zani

é médico veterinário
Professor MBA/PECEGE/
ESALQ/USP
Presidente do Colégio
Brasileiro de Nutrição
Animal/CBNA